

PIERRE-JULES HETZEL E A LITERATURA ILUSTRADA PARA CRIANÇAS E JOVENSⁱ

PIERRE-JULES HETZEL AND THE ILLUSTRATED LITERATURE FOR CHILDREN AND YOUNG ADULTS

Edmar GUIRRA

Universidade Federal do Rio de Janeiro
edmar.guirra@yahoo.com.br

Resumo: Na história da edição francesa, o desenvolvimento de uma nova economia do livro ao longo do século XIX está atrelado ao surgimento de um “tempo dos editores”, tornado possível graças a conjunturas que tiveram papel catalisador em um meio profissional ainda em definição. Ao mesmo tempo, assiste-se ao desenvolvimento do ensino primário, marcado, sobretudo, por leis que asseguravam a expansão do número de escolas, a qualificação de professores e, ainda, a gratuidade, a obrigatoriedade e a laicidade do ensino. O resultado desses empreendimentos é o advento de um novo público leitor. Com essa transformação, surgem novos engajamentos e lutas nos campos literário e editorial. Atento às potencialidades do mercado, Pierre-Jules Hetzel se lança na via da edição ilustrada para crianças e jovens, publicando livros e magazines e respondendo, igualmente, às preocupações pedagógicas das famílias e a seus anseios ideológicos: uma literatura para crianças e jovens baseada na utilidade e no divertimento, em harmonia com a escola leiga e republicana. De *Le livre des enfants* (1837) às *Viagens extraordinárias* de Jules Verne, passando pelas *Fables de Florian* (1842) e pelo *Magasin d'Éducation et de Récréation* (1864), Hetzel se posicionará nos campos literário e editorial contra uma concepção de livros insípidos. Neste artigo, ao analisar prefácios e editoriais de lançamentos de Hetzel, discutiremos os projetos estético e ideológico deste editor, vinculados à sua concepção de literatura ilustrada para crianças e jovens, mapeando sua trajetória nos campos editorial e literário.

Palavras-chave: Pierre-Jules Hetzel. Impresso ilustrado. *Magasin d'Éducation et de Récréation*. Campo literário.

Abstract: In the history of the French edition, the development of a new book economy throughout the XIX century is linked to the appearance of a "editor's time", made possible thanks to the conjunctures that had a catalytic role in a professional field still being defined. At the same time, witnessing the development of the primary education, marked, overall, by laws that assured the expansion of the school numbers, teachers' qualification and, yet, the gratuity, the obligatoriness and the secularity of teaching. The result of these enterprises is the advent of a new public reader. With this transformation, emerge new engagement and fights in the literary and editorial fields. Attentive to the potentialities of the market, Pierre-Jules Hetzel adventures in the illustrated edition for kids and youngsters, publishing books and magazines and

answering, equally, to the pedagogical worries of the families and their psychological wishes: a literature for children and youngsters based in the utility and in the entertainment, in harmony with the lay and republican school. To the children's book (1837) for Jules Verne's *Extraordinary voyages*, passing by the *Fables of Florian* and the *Magasin d'Éducation et de Récréation* (1864), Hetzel will position himself in the literary and editorial fields against a conception of unattractive books. In this article, analyzing the launching of prefaces and editorials of Hetzel, we will discuss the aesthetics and ideological projects of this editor, linked to his conception of illustrated literature for children and youngsters, mapping his trajectory in the editorial and literary fields.

Keywords: Pierre-Jules Hetzel. Illustrated press. *Magasin d'Éducation et de Récréation*. Literary field.

Introdução

Editor emblemático do “século dos editores”, Pierre-Jules Hetzel é igualado em importância a Louis Hachette e a Pierre Larousse, de acordo com o que afirma Jean-Yves Mollier, para definir o que chamou de “o nascimento da edição moderna” (MOLLIER, 1984). Entre os anos de 1814 e 1914, desenvolveu-se a história da editora que levou o nome Hetzel, cujo projeto mais conhecido e prestigiado foi o *Magasin d'Éducation et de Récréation* – revista quinzenal, ricamente ilustrada, lançada em 1864, tendo circulado até o ano de 1906. A revista-vitrine da editora Hetzel serviu, entre outros projetos, como via primeira de publicação de quarenta e um romances que compõem as *Viagens extraordinárias*, de Jules Verne. O sucesso de que vai gozar o *Magasin d'Éducation et de Récréation* se deve, inicialmente, ao seu tempo de gestação. A revista não foi uma criação rapidamente concebida por P.-J. Hetzel e seus colaboradores. O projeto de uma revista ilustrada para o público jovem ganha forma e amadurece ideologicamente ao longo de quase vinte anos, mais precisamente a partir de 1843.

De imediato, o título do periódico merece esclarecimento. Philippe Hamon explica que o termo “magasin” (e seu correlativo em inglês *magazine*) serve para designar o lugar onde se reúnem e se vendem produtos naturais ou manufaturados; é igualmente um tipo de publicação descritiva e enciclopédica com intenções claramente pedagógicas (HAMON, 1993, p. 207). Hetzel já havia usado o termo quando propôs seu *Nouveau magasin des enfants*, publicado em formato in-18, de 1843 a 1857, que contou com a colaboração de

Charles Nodier, Tony Johannot, Alexandre Dumas e George Sand e foi ilustrado por Bertall e Paul Gavarni, ambos ilustradores de outros trabalhos publicados por Hetzel, notadamente as *Nouvelles et véritables aventures de Tom Pouce* e *Le Diable à Paris*. Dois anos mais tarde, o editor pensa em fundar com Théophile Lavalée o *Journal d'éducation et de récréation*, mas o projeto não se realizou. Somente depois do retorno de seu exílio em Bruxelas, em razão do golpe de estado de 1851, Hetzel conseguirá criar a tão sonhada revista-vitrine da sua editora.

Sem adentrar na história da imprensa dos magazines, já amplamente desenvolvida,ⁱⁱ exploraremos a concepção de literatura ilustrada para crianças e jovens segundo Hetzel, analisando prefácios e editoriais de obras e periódicos que lançou antes do *Magasin d'Éducation et de Récréation*. Compararemos este periódico a outras revistas, notadamente *La Semaine des enfants*, seu concorrente direto, situando o todo no contexto dos magazines ilustrados para a juventude da época.

O impresso ilustrado: a trajetória do gênero para Hetzel

Na história da edição, o desenvolvimento de uma nova economia do livro ao longo do século XIX está atrelado ao surgimento de um “tempo dos editores”, tornado possível graças a conjunturas que tiveram papel catalisador em um meio profissional ainda em definição. Durante Monarquia constitucional francesa, momento em que a imprensa romântica passa pela crise de crescimento dos anos 1830 (CHARTIER & MARTIN, 1990, p. 185),ⁱⁱⁱ Hetzel mostra tato no que diz respeito às decisões que o conduzem a modificar as práticas da edição tradicional, lançando com Paulin et Curmer iniciativas-piloto para o desenvolvimento do livro ilustrado. Em 1837, eles publicam o primeiro impresso ilustrado por uma máquina de imprensa mecânica: o *Livre des enfants* – coleção de contos de fada escrita pelas Senhoras Élise Voïart e Amable Tastu (ver Fig. 1 e Fig. 2). Essa coleção é o primeiro trabalho de Hetzel para o público infantil e juvenil e já dava à ilustração espaço importante.

Para esta obra, Hetzel reuniu renomados profissionais da época: Tony Johannot, ilustrador, gravador e pintor alemão conhecido pelo trabalho para a revista *L'Artiste*, mas também por ter composto a *Histoire du Roi bohème et ses sept châteaux* (1830)^{iv}; Jean Alfred Gérard-Séguin, ilustrador e pintor romântico que ilustrou a *Comédia Humana*, de Balzac, editada por Furne, em 1842; Jean Gigoux, ilustrador, pintor e litógrafo que trabalhou para ilustrar, em 1833, o *Magasin Pittoresque* e, em 1835, compôs 850 gravuras para o romance picaresco *Gil Blas*, seu trabalho mais notório; e finalmente, Ernest Meissonier que, além de ter contribuído com alguns retratos de personagens para a *Comédia Humana* acompanhando a moda das fisiologias ilustradas, era também pintor histórico de cenas de guerra. Todos esses artistas ilustradores, tendo trabalhado para a imprensa romântica, acompanharão Hetzel em novos projetos voltados também para a literatura para crianças e jovens que se dá *pari passu* ao desenvolvimento das técnicas de ilustração e do comércio da edição.

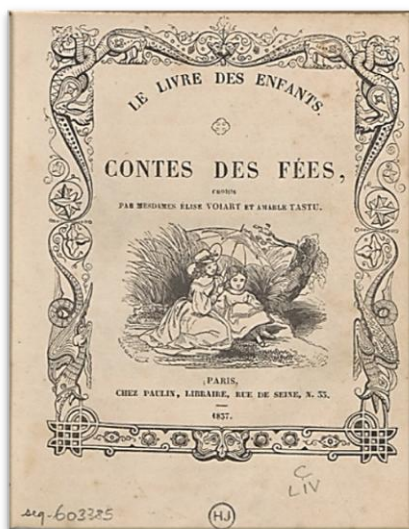


Fig.1- frontispício - *Le livre des enfants*

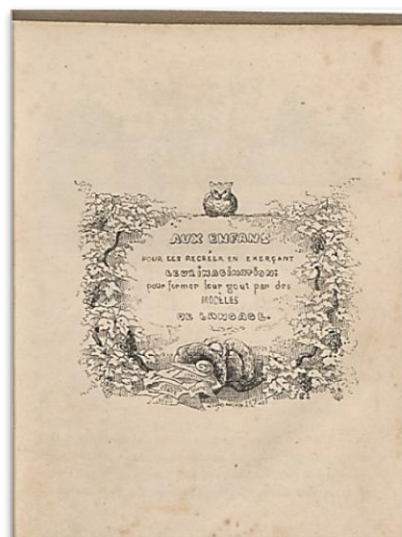


Fig. 2 - contracapa: “Aux enfants - Pour les récréer en exerçant leur imagination; pour former leur goût par des modèles de langage.”

No início do século XIX, não se recusa mais à infância e à juventude o direito de se ver atribuída uma literatura própria. Embora falte um estatuto autônomo dentro da nomenclatura dos gêneros literários, essa literatura é reconhecida no comércio da edição. De fato, entre 1820 e 1830, as condições

do desenvolvimento do livro para criança – manuais escolares e abecedários, primeiramente – respondem aos requisitos da ideologia burguesa pós-revolucionária para uma alfabetização das massas através do ensino do “saber ler” (CHARTIER & MARTIN, 1990, p. 15-41).^v

A publicação do *Livre des enfants*, naquele momento, sinaliza, portanto, o interesse de Hetzel por essa idade de ouro da “literatura infantil”. O editor pressentia as potencialidades do mercado com a expansão do público leitor, o que influirá nos seus futuros projetos, notadamente na sua associação a J.-B. Paulin. (PARMÉNIE & BONNIER DE LA CHAPELLE, 1985, p. 15).^{vi} No entanto, Hetzel não deixa de trabalhar em projetos paralelos que lhe dão renome junto à imprensa ilustrada romântica dos anos 1840. Para citar um de seus grandes projetos, ele lança, em associação com Charles Furne, entre 1842 e 1848, dezoito volumes da *Comédia Humana*, de Balzac. A dissolução da sociedade com Charles Furne quase leva Hetzel à falência. Ele aproveitará a Revolução de fevereiro para manifestar seus ideais republicanos, militando em favor da República, em 1848.

Figura importante do espírito editorial empreendedor da Monarquia de Julho, Hetzel adquire, no mercado do livro ilustrado, os capitais social e econômico necessários que o favorecerão diante das exigências capitalistas da edição moderna, na segunda metade do século. Sem a contribuição de boas relações sociais, por exemplo, nenhuma editora independente resistiria ao processo de transformação e de reunião das grandes editoras em sociedades, característica da indústria do livro no Segundo Império.

No entanto, na dialética da arte e do dinheiro no interior do campo literário, editores não podiam mais sustentar a imagem de líderes contando somente com suas relações sociais para realizar bons negócios em caso de riscos comerciais. Essa condição da edição moderna se impôs a Hetzel na medida em que, com o lançamento do *Livre des enfants*, ele desenvolverá disposições, no âmbito da literatura para crianças e jovens, que o levarão, a partir de 1842, a se posicionar novamente dentro do setor editorial especializado na publicação de livros que “ensinam divertindo”. O posicionamento que endossa a ideia da utilidade da literatura é notado através

da análise paratextual que se pode realizar em diversos prefácios de obras que Hetzel resgata de contistas e fabulistas que lhe permitiram assumir um papel de mediador entre autores e leitores, usando o filtro crítico da sua pena de escritor. Em 1842-1843, é publicada uma série de livros moralistas com o título *Voyage où il vous plaira*, assinada com pseudônimo P.-J. Stahl. Será com esse pseudônimo que o autor-editor aproveitará a edição de J. J. Dubochet das *Fables de J.J. Claris de Florian* (ou *Les Fables de Florian* - Fig. 3 e Fig. 4) para inserir uma “Notice sur la vie et les ouvrages de Florian”, na qual faz um retrato resumido do fabulista do século XVIII e reflexões sobre o que é o “bom livro”.

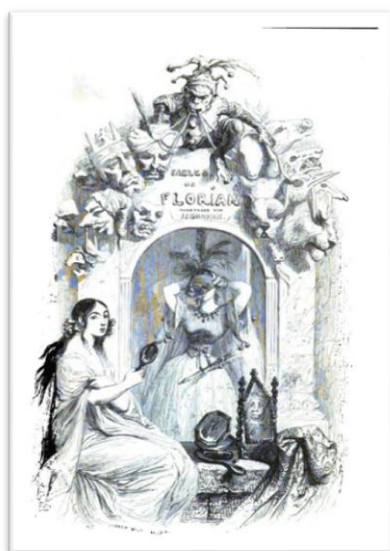


Fig. 3 - Capa - *Fables de Florian*



Fig. 4 - Frontispício

Na primeira intervenção crítica no âmbito da literatura para crianças e jovens, quando escreve o retrato literário de Florian, Hetzel traz argumentos sobre o problema da diferença entre o livro para crianças e o livro para adultos. A reflexão que faz diz respeito às condições de criação de obras literárias iguais para todas as idades. Hetzel o afirma pelo conteúdo da obra:

As *Fábulas de Florian* são um desses livros muito raros em que o pensamento é tão casto e a forma é tão cuidada que parecem ter sido escritos quase unicamente para os jovens leitores. E ele não o é.

Entre diversos outros preconceitos há, na França, um preconceito fatal contra a juventude. Esse preconceito consiste em acreditar que, para ser conveniente às crianças, um livro deve ser feito em condições tais que a idade madura não possa tirar proveito. (STAHL, “Notice sur la vie et les ouvrages de Florian”, 1842, p. VI).^{vii}

Prevedo uma mudança no ramo da literatura para crianças no início da segunda metade do século, Hetzel contribui para a discussão sobre o lugar e o papel dos “bons livros” no mercado. Em função do desenvolvimento da arte técnica do livro, muitas obras se transformam em simples mercadoria, o que é criticado por Hetzel naquele momento. Além disso, o conformismo do conteúdo recreativo atrai julgamentos negativos de Hetzel que se questiona sobre o valor simbólico do livro para crianças e jovens. Em *La Comédie enfantine* (Fig. 5), livro infantil que Hetzel irá prefaciá-lo sob o pseudônimo de P.-J. Stahl, afirma:

Essas penas mercenárias [...] só se preocupam em escrever às dúzias esses livros sem cheiro nem sabor, esses livros rasos e sem brilho, livros bobos aos quais parece reservado o privilégio indevido de falar em primeiro lugar ao que há de mais fino, de mais sutil e de mais delicado no mundo, à imaginação e ao coração das crianças (STAHL, 1861, p. 6).



Fig. 5 - Frontispício - *La Comédie enfantine*

Ainda na “Notice sur Florian”, Stahl propõe, portanto, uma primeira discussão que constitui uma apresentação das condições de base para uma literatura infantil de excelência. “O que são bons livros?": o prefaciador traz, nos seus argumentos, uma indagação que visa apresentar o modelo das fábulas de Claris de Florian para justificar a importância da literatura que será apresentada:

[...] Poderíamos escrever um livro que as mentes mais elevadas pudessem olhar como uma *obra-prima*, e que, no entanto, apenas em virtude de sua pureza, merecesse ser colocada sobretudo nas mãos da juventude. O autor de *Paulo e Virgínia* já o provou.

Florian, com suas fábulas, e em uma lógica diferente, provou por sua vez que o que convém aos adultos podia convir também aos mais jovens (STAHL, 1842, p. VI).

Para Stahl, as obras literárias que se empenham em servir aos adultos e às crianças são modelos de resposta à questão posta no prefácio das fábulas de Florian:

O que é necessário para que um livro convenha à juventude é, primeiramente, que ele seja simples; [...] em seguida, que não se faça confusão entre o bem e o mal, e que um seja separado do outro bem escrupulosamente para que um mau espírito não encontre neles sua justificativa.

Ora, para fazer tal livro, é necessário ser ao mesmo tempo um grande cérebro e, sobretudo, um *honnête homme*. E é precisamente porque a reunião dessas duas condições é essencial, que esses livros, que podem instruir todas as idades e agradar a todos, sem ferir nenhuma, que os bons livros enfim, como dissemos, são extremamente raros (STAHL, 1842, p. VI).

Através desse julgamento, Stahl revela os valores culturais que vislumbra para uma nova literatura para crianças. Para se conceberem “bons livros” requerem-se dos escritores talentos de moralista, caracterizados também pela sagacidade de um grande cérebro e o brio do *honnête homme*.^{viii} Em uma visão ambiciosa, lamentando a carência desses “bons livros” que correspondem ao credo “instruir e agradar”, Stahl julga que uma literatura infantil de qualidade tem raras ocorrências na história literária: “É preciso admitir, nossa literatura francesa é, mais do que nenhuma outra, pobre desses livros que poderíamos chamar de livros de família, nos quais o que é correto e honesto nunca é sacrificado ao espírito e ao gosto de agradar” (STAHL, 1842, p. VI).

Aqui, se o prefaciador P.-J. Stahl mostra dificuldades em enumerar trabalhos que correspondam a seus critérios, o editor P.-J. Hetzel constata, nas *Fables de Florian*, o indício de que a literatura francesa deve reunir escritores de talento em torno da elaboração desses “livros de família”. Nessa perspectiva, a “Notice de Florian” estabelece as premissas de objetivos editoriais ideais para se projetar no futuro uma literatura de qualidade para crianças e jovens. Somam-se a isso as intenções de produzir uma literatura para jovens baseada na utilidade e no divertimento. Stahl retoma essa ideia no prólogo que escreve das *Nouvelles et seules véritables aventures de Tom Pouce* (1843 – Fig. 6), livro infantil publicado em sua editora: “Minhas caras crianças, vocês não aprenderão neste livrinho tudo o que terão que saber um

dia, mas encontrarão aqui algumas dessas lições de que, é preciso dizer, às vezes vocês necessitam” (STAHL, 1843, p. 13).



Fig. 6 - Frontispício -Tom Pouce

Com esses argumentos, a crítica sobre os “bons livros” indica o posicionamento de Hetzel no campo literário, vislumbrando o desenvolvimento de atividades editoriais inovadoras, sobretudo no gênero da literatura para crianças, o que desembocará na criação do *Magasin d'Éducation et de Récréation*.

Várias razões motivaram Hetzel a criar o *Magasin d'Éducation et de Récréation*, projeto destinado a transmitir suas concepções literárias no que diz respeito aos “bons livros”. Não há dúvidas de que Hetzel tenha sido marcado pelas consequências de sua participação ativa como republicano, na França da Segunda República, como chefe de gabinete de Alphonse de Lamartine, então Ministro das Relações Exteriores. De 1852 – depois do golpe de estado que instituiu o Segundo Império e colocou no trono Luís Napoleão Bonaparte – a 1860, Hetzel vive seu autoexílio em Bruxelas^{ix} e verá na concessão da anistia, em 1859, uma via de reconciliação que, depois de quase dez anos de afastamento do país, permitirá sua participação do movimento de modernização da economia do livro, engendrado pelo clima de prosperidade do Segundo Império. Em 1860, o editor se engaja novamente na edição parisiense

e conta com o controle jurídico da administração imperial, que lhe concede a permissão para o exercício de seu brevê de livreiro.

Observando o advento do capitalismo industrial durante o Segundo Império, Hetzel estava atento à popularidade das ciências, ao desenvolvimento do progresso científico e suas aplicações industriais e ao movimento que essas mudanças traziam para a sociedade. Para ele, a curiosidade do público voltada para a busca de conhecimento nessas áreas motiva a pujança de um projeto editorial legítimo para a literatura para crianças e jovens. Isso o autoriza a conceber a promoção dos “bons livros” através da combinação do conto moderno, já testado no *Nouveau magasin des enfants*, com uma pedagogia do conhecimento científico. Nesse aspecto, a associação entre P.-J. Hetzel e Michel Lévy para a publicação da coleção intitulada *Les bons romans* representa uma etapa essencial na elaboração da estratégia de Hetzel que desembocará na concepção da política editorial do *Magasin d'Éducation et de Récréation*.

A colaboração entre Hetzel e Lévy

Diante do desenvolvimento do gênero romanesco no campo literário francês e no Ocidente, um mesmo objetivo reúne Hetzel e Lévy em um projeto para realizar a publicação de romances em um contexto sociocultural marcado pelo acesso de todas as categorias de público à literatura. Da associação Hetzel-Lévy, a partir de 1860, nasce *Les Bons Romans*. Embora não seja um jornal exclusivamente destinado ao público juvenil, referimo-nos aqui à expansão do público leitor jovem. Desde 1833, esse setor cresce graças à Lei Guizot. Enquanto Ministro da Instrução Pública, François Guizot institui que para cada Comuna francesa de quinhentos habitantes deveria haver ao menos uma escola primária para meninos. A resolução de Guizot teria sido o pontapé inicial para se voltar a atenção para alfabetização das massas, que será desenvolvida ao longo do século XIX na França e, conseqüentemente, motor para formação de leitores.



Fig. 7 - Bandeira da capa - *Les Bons romans*

Publicado semanalmente, esse jornal de oito páginas, impresso em três colunas, ilustrado com duas gravuras – uma na primeira e outra na quinta página –, encadernado semestralmente no formato in-4^o, era administrado por Émile Aucante, colaborador de Michel Lévy à época. Trabalhando desde 1^o de fevereiro de 1860 para Michel Lévy Frères, Émile Aucante não era completamente desconhecido para Hetzel.^x Criado para um contrato de cinco anos, o jornal, lançado em 8 de maio de 1860, objetivava gerar uma coleção de obras dignas de serem lidas e perpetuadas. A sociedade estabelecida entre os dois previa que cada sócio investisse 5.000 francos e trouxesse seus autores para o projeto: Victor Hugo, no caso de Hetzel enquanto Michel Lévy se incumbiria de angariar a adesão de Alexandre Dumas e George Sand. Em seu “Aviso aos leitores”, deixam claros seu suporte e o público a que visam:

Nosso objetivo, publicando o jornal *Les Bons Romans*, não foi acrescentar mais um jornal aos inúmeros jornais, mas tornar acessíveis aos bolsos menos favorecidos, nessa forma popular, as obras mais bem-reputadas dos nossos grandes escritores contemporâneos, aquelas que tinham permanecido, até então, inclusive por conta do preço, privilégio de uma certa classe de leitores (AUCANTE, 1860, quarta capa).

Com o jornal, Hetzel e Lévy buscavam apostar na aliança entre a política do bom preço e a estratégia de expansão de um segmento do mercado dos bens simbólicos para além da classe leitora para a qual o privilégio social valia como privilégio cultural: o periódico tinha como alvo um público menos favorecido, visto ser vendido a cinco centavos de franco cada número.^{xi}

A relação entre os editores não duraria, pois, contrariamente a Michel Lévy, Hetzel desejava criar uma estratégia editorial que atribuísse uma marca à sua novíssima editora, situada no número 18 da Rua Jacob, em Paris,

posicionando-a no mercado dos bens simbólicos ao publicar impressos para leitura em família.^{xii} Nesse sentido, o perfil de *Les Bons Romans* corresponderia, em parte, à concepção de Hetzel das práticas de leitura pela eloquência iconográfica do frontispício que ilustra o jornal. Na imagem anterior (Fig. 7), pode-se notar o círculo familiar em torno da figura moral do pai, fiador do valor instrutivo da literatura. A esse respeito, mesmo a noção de “bons romances” do título do jornal poderia ser comparada à concepção de Stahl, pseudônimo de Hetzel, de “bons livros”, explorada na *Notice sur Florian*. No entanto, os títulos publicados pelo periódico nos quatro primeiros anos não revelam nenhuma atenção à literatura para jovens. Por conta da hegemonia da literatura romântica, o administrador de *Les Bons Romans* respeitará o contrato enunciativo do prospecto que citamos acima em que expressa a ideia de um jornal literário “para todos”, mas esse “todos” não parece, para Hetzel, incluir exatamente crianças e jovens. Assim, uma mudança na linha editorial de *Les Bons Romans* é vislumbrada por ele no sentido de uma reorientação do seu perfil à maneira do público que o *Magasin d’Éducation et de Récréation* terá.

Em 1863, uma discordância notada na confecção de um catálogo para *Les Bons Romans* faz com que Hetzel quebre o contrato com Michel Lévy. A desarmonia entre os projetos editoriais dos dois sócios é revelada na carta de Émile Aucante de 6 de junho de 1863. A carta, endereçada aos cuidados de Michel Lévy Frères, reproduz literalmente uma missiva de Hetzel que propõe ao sócio a lista de possíveis títulos a serem lançados em folhetim. O que segue é a citação integral do texto que Aucante retoma da correspondência de Hetzel:

Senhores Michel Lévy Frères,

La femme en blanc estando inteiramente composta, pedi a M. Hetzel que me fornecesse uma outra obra para colocar em primeiro lugar em *Les Bons Romans*.

Eis aqui uma cópia textual de sua resposta:

Eu acho que o que teria de mais simples a fazer para o romance do primeiro lugar seria aproveitar um corte em *Les Puritains* para subir com *Les Puritains* para o primeiro lugar. Estou certo de que se esse romance tivesse ficado em primeiro lugar, ele teria tido sucesso. Para o romance em segundo lugar, tenho:

1º Schniderhan (sic) ou les bandits du Rhin

2º Voyages et aventures du baron Wogan (que seriam muito bons para nosso público, mesmo em 1º mas isso só dá um volume)

- La cause du beau Guillaume de Duranty

- La mionnette de Muller

- Le fou Yegof – Daniel Rock – Le joueur de Clarinette, de Chartian

- La sorcière de l’ambre (muito bom para nós)

- Gens de bohème
- Une cause secrète
- Récits d'une paysanne
- Histoire d'une bouchée de pain
- Lady Isabelle 2 vol.
- Sans nom 2 vol.
- Les chauffeurs indiens, de Bréhat
- Le casse-noisette, de Dumas (se esses senhores não quiserem Dumas)
- La princesse Sophie – Adrien Robert – bom para nós
- Cinq semaines en ballon
- Un drame en province – Claude Vignon
- Quelques contes du petit château, de Macé
- Les aventures d'un petit parisien, de Bréhat.

Como não cabe a mim adotar, sem seu consentimento, a combinação proposta pelo Sr. Hetzel; como eu não saberia escolher entre as obras que ele coloca à disposição do jornal, eu lhes agradeceria, Senhores, se me indicassem sua apreciação pessoal. Senhores, recebam os meus mais devotados sentimentos.

Emile Aucante^{xiii}

Já publicadas ou não à época, as obras propostas fazem parte do futuro acervo da livraria de Hetzel. Cabe-nos questionar sobre o que leva o editor a revelar as tramas que constituirão trunfos para futuras lutas no campo, já que o catálogo proposto na carta prova a intenção de Hetzel não só em publicar o que foi elencado, mas direcionar *Les Bons Romans* para a literatura juvenil, contribuindo com alguns romances de temas histórico-científicos, em uma visada didática, base do futuro *Magasin d'Éducation et de Récréation*. Dessa lista, na qual vemos figurar o romance de Jules Verne *Cinq semaines en ballon*, Hetzel faz julgamentos de valor que guiarão sua escolha em função do critério de recepção: "Muito bom para nosso público". Três referências recebem essa crítica: *La princesse Sophie*, *La sorcière à l'ambre* e *Voyages et aventures du baron de Wogan*.^{xiv}

Por que esses textos têm a preferência de Hetzel para as próximas publicações do jornal? E por que Michel Lévy não cede aos pedidos de Hetzel, já que nos últimos meses de 1863 só foram publicados *Les chauffeurs indiens* e *Schinderhannes ou les bandits du Rhin*?^{xv} Uma hipótese que se pode levantar é que os dois sócios não concordavam mais no que diz respeito à linha editorial dada a *Les Bons Romans*. Hetzel decide, portanto, quebrar o contrato com Michel Lévy, assinando em 26 de setembro de 1863 a cessão da sua parte da sociedade por 20.000 francos. Assim, Hetzel, disporá do capital

necessário para a criação do *Magasin d'Éducation et de Récréation* (Fig. 8) no ano seguinte, em cofundação com Jean Macé, professor e amigo do editor.

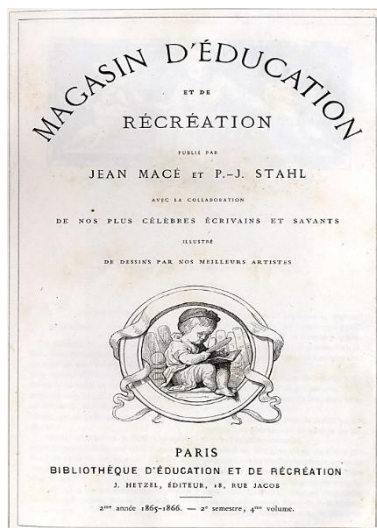


Fig. 8 - Capa - *Magasin d'Éducation et de Récréation*

Educação e recreação: a culminância de um projeto para crianças

A revista-vitrine da editora de Hetzel já foi amplamente estudada por diversos pesquisadores. Recentemente, Philippe Scheinhardt publicou um artigo em que trata da gênese do paratexto “À nos lecteurs” – editorial do *Magasin d'Éducation et de Récréation*, recorrendo aos manuscritos dos arquivos Hetzel da Biblioteca Nacional da França (SCHEINHARDT, 2014, p. 81-99). Além do editorial, o pesquisador pôde explorar, igualmente, o discurso do “Prospectus” – brochura impressa que circulou antes da publicação do primeiro número do periódico. Nesse artigo, Scheinhardt declara que os suportes necessários para a investigação que permitiriam esclarecer a duração do processo de produção editorial da revista, cuja primeira ideia teria sido expressa em 1858, não estão disponíveis ou não existem.

Debruçando-nos sobre o que foi publicado, analisaremos esses discursos de reclame. O início e o fim do texto são eloquentes no que diz respeito à envergadura do projeto. De imediato, o discurso estabelece um contrato enunciativo com base em um *ethos* pedagógico: “Ao iniciar a publicação desta *Revista de Educação e de Recreação*, temos a consciência de empreender

uma obra difícil, e se não recuamos diante da dificuldade da empresa é porque temos ao mesmo tempo a consciência da sua grande utilidade” (*Magasin d’Éducation et de Récréation*, 1864, p. 3).

Aqui, evocando características inerentes ao projeto, o editor declara que o magazine irá perseverar na ideia da utilidade de sua criação. Perfazendo o discurso publicitário, o parágrafo final de “À nos lecteurs” implica os assinantes em uma ação comum. Com o expediente próprio de um *correo de leitores*, a ideia de solidariedade intelectual é lançada pelos editores quando convocam os leitores a ajudarem os autores, participando da sua tarefa didática para com a infância:

Pedimos a todos os assinantes que se considerem nossos colaboradores. Quando ocorrer-lhes uma ideia que acreditarão útil nos comunicar, nós acolheremos com gratidão. Uma mão lava a outra. Colocando nossa boa-vontade a seu serviço, acreditamos poder invocar o seu. É uma obra de família que abordamos. É somente com a ajuda das famílias que ela pode obter sucesso. (*Magasin d’Éducation et de Récréation*, “À nos lecteurs”, 1864, p. 4).

Em geral, essas revistas ilustradas, notadamente *Le Journal des enfants* (1832) e *La Semaine des enfants* (1857), trazem a escola para o seio familiar com histórias moralistas que visam formar meninos e meninas burgueses nos valores de sua classe social, ou seja, transmitir e perpetuar um *habitus* dominante, como propõe o sociólogo Pierre Bourdieu.^{xvi} Se, em alguma medida, ele não inova nesse aspecto no mundo da imprensa infantil, o projeto do *Magasin d’Éducation et de Récréation* reavalia os princípios da união entre a educação e a recreação. O argumento desenvolvido na passagem do Prospecto, citada abaixo, pressupõe uma crítica dos procedimentos comerciais usados nas revistas destinadas aos jovens com o “para nós” da instância de enunciação que marca a diferença com as outras revistas, militando em favor da reabilitação de um ensino de família:

Trata-se, para nós, de constituir um ensino de família no verdadeiro sentido da palavra, um ensino sério e atraente ao mesmo tempo, que agrade aos pais e seja proveitoso para as crianças. Educação – Recreação são, em nossa opinião, dois termos convergentes. O instrutivo deve se apresentar de um jeito que provoque o interesse: sem isso ele repele e cansa; a diversão deve conter uma realidade moral, ou seja, útil: sem isso ela se torna fútil e esvazia as cabeças ao invés de enchê-las.

Nisso deverá residir a unidade da nossa obra, que poderá, se obtiver sucesso, contribuir para o aumento da massa de conhecimentos e de ideias sadias, de bons sentimentos,

de inteligência, de razão e de gosto que forma o que poderíamos chamar de capital moral da juventude intelectual da França. (*Magasin d'Éducation et de Récréation*, "Prospectus", 1864)

Para Hetzel e Jean Macé, a inovação do *Magasin d'Éducation et de Récréation* está no elo evidente que liga educação à recreação. O título da revista tem o papel de marcar a orientação do seu perfil apesar de pecar por um "excesso", apontado por Macé em correspondência a Hetzel: "Se você tem realmente razões para insistir no anexo: recreação, eu não insistirei. Era com intuito de abreviar o título. Os melhores títulos são um pouco como as melhores loucuras" (Carta do 30 de janeiro de 1863).^{xvii} Para P.-J. Hetzel, excluir do título a palavra "Recreação", como quisera Jean Macé, seria privilegiar o perfil pedagógico da revista, não reservando espaço à sua predileção. Manter o título completo corresponde, portanto, ao desejo de Hetzel em manter o duplo objetivo que caracteriza sua associação com Jean Macé.

Com esse conjunto de interesses, Hetzel e Macé estavam atentos a duas instituições que condicionam o projeto da *Encyclopédie pour l'enfance et la jeunesse*, subtítulo do *Magasin d'Éducation et de Récréation*: enquanto o editor focava na imbricação dos campos editorial e literário, Macé mirava no sistema escolar, considerando a contribuição da revista no movimento de reforma da instrução pública:

Acrescentar à lição forçosamente um pouco austera do colégio e do pensionato uma lição mais íntima e mais penetrante, completar a educação pública pela leitura no seio familiar, tornar-nos os amigos da casa em todos os lugares que pudermos entrar, agir ao mesmo tempo em todos os elementos de que ela se compõe, responder a todas as necessidades de aprender que se desenvolvem no lar, desde o berço até a maturidade, tal é nossa ambição (*Magasin d'Éducation et de Récréation*, "Prospectus", 1864).

Dissimuladas no prospecto do *Magasin d'Éducation et de Récréation*, as intenções incisivas e pretenciosas trabalham implicitamente o discurso na medida em que os fundadores da revista desejam impor sua marca no mercado da imprensa ilustrada infantil e juvenil. O discurso publicitário do prospecto exhibe o desejo de resolver o problema posto no título em uma abordagem lógica que consiste em conferir uma unidade entre a educação e a recreação. Desse ponto de vista, a combinação do educativo e do recreativo do *Magasin* não pode ser considerada original diante do extenso *corpus* de jornais

e revistas da época, todos mais ou menos destinados à promoção da dita “literatura em família”, exploradores da fórmula “instrução e diversão” e, sobretudo, da receita do folhetim.

Desde 1833, Jules Janin, que se vale do uso dos romances folhetins para fidelizar o público leitor do *Journal des enfants*,^{xviii} abre concorrência com diversos outros títulos, especialmente *Le Journal des jeunes personnes* (1833), *Cendrillon journal des petites Demoiselles* (1850), *Le Magasin de l'enfance chrétienne* (1851), para citar alguns periódicos aos quais tivemos acesso e que circulavam na primeira metade do século. Depois dos anos 1850, a editora Hachette ganha o mercado com três magazines: *La semaine des enfants* (Fig. 11 e Fig. 12), *La Poupée modèle* e *Le Journal de la jeunesse*, lançados respectivamente em 1857, 1863 e 1872.

Circulando desde 1857, *La Semaine des enfants*, de Louis Hachette é concorrente do *Magasin d'Éducation et de Récréation*. Porém, comparação da revista de Hetzel com aquela de Hachette pode auxiliar na compreensão do aporte original do *Magasin d'Éducation et de Récréation*, em meio à massa de impressos que circulava para o público jovem.



Fig. 9 - Frontispício *La Semaine des enfants*



Fig. 10 - Primeira página

Com o subtítulo *Magasin d'images et de lectures amusantes et instructives*, o jornal infantil de Louis Hachette custava dez centavos o número

e seis francos a assinatura anual. O periódico era composto por oito páginas e, como o *Magasin d'Éducation et de Récréation*, objetivava instruir e divertir:

La Semaine des Enfants, destinado a divertir seus jovens leitores instruindo-os, excitará vivamente sua curiosidade por relatos interessantes e por belas gravuras e direcionará seu ardor, assim, para o prazer em proveito de um ensino bem elementar com certeza, mas útil para o presente e fecundo para o futuro. Nas nossas histórias, tudo será simples, tudo será curto, e tudo, portanto, será divertido, mas, ao mesmo tempo, tudo será instrutivo e sobretudo moral, e tenderá a inculcar imperceptivelmente nos jovens corações o amor pela religião e pela virtude (*La Semaine des enfants*, 1857, p. 2).

Dividido em três partes – relatos históricos; contos, historietas e dramas; variedades e pequenas crônicas – o intuito moralista cristão do jornal é preponderante. Na primeira história do primeiro número do periódico, por exemplo, nota-se de imediato essa diferença: Hachette inaugura sua revista publicando *Clotilde* – relato histórico sobre a esposa que converte seu marido Clóvis ao cristianismo. Entre outros traços, a defesa de uma moral cristã marcará a primeira grande distinção para com o *Magasin* de Hetzel, que responde mais ao movimento de uma moral laica em harmonia com futuros valores da Terceira República.

Em março de 1864, o *Magasin d'Éducation et de Récréation* terá a mesma quantidade de páginas que a *Semaine des enfants* e será distribuído através de uma assinatura de 12 francos por ano. O preço mais elevado talvez se deva ao investimento de Hetzel na ilustração do seu periódico, no qual a imagem tem lugar importante. Com esse princípio, ele reúne para o projeto nomes como Eugène Froment, Lorenz Froelich, Édouard Riou, Yan'Dargent, todos artistas e futuros ilustradores dos romances de Jules Verne, para a criação de gravuras e vinhetas decorativas. Constituído por duas colunas de quarenta linhas cada, o *Magasin d'Éducation et de Récréation* é mais rico em imagens, mais legível e fácil de manusear se comparado ao *Semaine des enfants*. Os números lançados quinzenalmente recebiam uma paginação específica para se transformarem em volumes ao final de um semestre, com o objetivo de compor uma biblioteca, formando, assim, a *Bibliothèque d'Éducation et de Récréation* – projeto mais amplo da editora de Hetzel voltado para a reunião de obras ricamente ilustradas para o público jovem.

O *Magasin d'Éducation et de Récréation* é, portanto, um prescritor de produtos e bens culturais, isto é, para Pierre-Jules Hetzel, criar um periódico com a finalidade de compor uma “Biblioteca” é um indício que revela seu investimento no mercado dos bens simbólicos. A ilustração, nesse âmbito, estaria na intercessão da educação e da recreação. Isso configuraria um traço de originalidade da revista em relação às outras do gênero. Híbrido de revista e livro, o *Magasin d'Éducation et de Récréation* propõe aos jovens leitores o acesso a uma diversidade de textos ilustrados norteados pelos princípios da Educação-Recreação com a intenção não só de enriquecer as bibliotecas com os fascículos reunidos no fim de cada semestre, mas também de inscrever-se como um aparelho de promoção de uma gama de produtos editoriais da “marca” P.-J. Hetzel et Cie., na medida em que os textos publicados na revista, inclusive aqueles de Jules Verne, constituíam um acervo de referência destinado a compor um conjunto maior: a *Collection Hetzel*.

Referências bibliográficas

- AUCANTE, É. Prospectus. **Les Bons Romans**. T. I, 8 mai-2 novembre 1860.
- BOURDIEU, P. **Razões Práticas**; *sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa. São Paulo: Papirus, 1996.
- CHARTIER, R. & MARTIN, Henri-Jean (dir.). **L'Histoire de l'édition française. Le temps des éditeurs**. T. III. Paris : Promodis, 1990.
- FOURMENT, A. **Histoire de la presse des jeunes et des journaux d'enfants (1768-1988)**. Paris: Éole, 1987.
- HAMON, Philippe. **Du descriptif**. Paris: Hachette, 1993.
- HETZEL, P.-J & MACÉ, J. **Prospectus**. Paris: Hetzel, 1864, s.p.
- KAENEL, P. **Le métier d'illustrateur**. Genève: DROZ, 2005.
- KALIFA, D ; RÉGNIER, P, ; THÉRENTY, Marie-Ève ; VAILLANT, A. (dir.). **La civilisation du journal**. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle. Paris: Nouveau monde, 2011.
- LA SEMAINE DES ENFANTS. Magasin d'images et de lectures amusantes et instructives, n^o1, 1^{er} semestre. Paris: Hachette, 1857.
- LATZARUS, Marie-Thérèse. **La littérature enfantine en France dans la seconde moitié du XIX^e siècle**. Paris : PUF, 1924.

MAGASIN D'ÉDUCATION ET DE RÉCRÉATION. "À nos lecteurs", I, 1^{er} semestre. Paris: Hetzel, 1864, p.3-4.

MARCOIN, F. Les Aventures de Jean-Paul Choppard de Louis Desnoyers; le premier roman-feuilleton. **Revue de littérature comparée**, n° 304, 2002/4, p.431-443.

MOLLIER, Jean-Yves. **Michel et Calmann Lévy ou la naissance de l'édition moderne** - 1836-1891. Paris: Calmann-Lévy, 1984.

_____. Un éditeur emblématique du XIX^e siècle. **Revue Jules Verne**, n° 37. Amiens: Editions du Centre International Jules Verne, 2013, p.11-23.

PARMÉNIE, A. & BONNIER DE LA CHAPELLE, C. **Histoire d'un éditeur et de ses auteurs. P.-J Hetzel (Stahl)**. Paris: Albin Michel, 1985 (1953).

PETIT, N. Éditeur exemplaire, modèle de père, héros de roman: figures d'Hetzel. In: **Bibliothèque de l'école des Chartes**. T. 158, S. I., 2000, p. 197-221.

SCHEINHARDT, P. "Une collaboration insolite? J. Hetzel et Michel Lévy". In : COMPÈRE, Daniel & SOUBRET, Robert (dir). **Le Rocamboles – Hetzel éditeur populaire**, n° 68-69, s.l: Concours du Centre International du Livre, 2014, p.57-72.

STAHL, P.-J. "Notice sur la vie et les ouvrages de Florian". In: FLORIAN, Jean-Pierre Claris de. **Fables de Florian**. Illustrées par J. J. Grandville. Paris: J.-J. Dubochet et Cie., 1842, p. III-XX.

_____. **Nouvelles et seules véritables aventures de Tom Pouce**. Paris: Hetzel, 1843.

_____. Préface. In : RASTIBONNE, L. **La comédie enfantine**. Préface. Paris: Michel Lévy frères, 1861, p. 6.

ⁱ Aludimos aqui aos trabalhos de LATZARUS (1924); CHARTIER & MARTIN (1990), capítulos: "Le livre conquérant", "L'élargissement du public", "Des livres pour tous", "Les nouveaux lecteurs" e "Le livre pour la jeunesse"; FOURMENT (1987) e KALIFA, RÉGNIER, THÉRENTY & VAILLANT (2011), p. 97-140, p. 383-416, p. 565-582, p. 745-772 e p. 1467-1476.

ⁱⁱ Aludimos aqui aos trabalhos de LATZARUS (1924); CHARTIER & MARTIN (1990), capítulos: "Le livre conquérant", "L'élargissement du public", "Des livres pour tous", "Les nouveaux lecteurs" e "Le livre pour la jeunesse"; FOURMENT (1987) e KALIFA, RÉGNIER, THÉRENTY & VAILLANT (2011), p. 97-140, p. 383-416, p. 565-582, p. 745-772 e p. 1467-1476.

ⁱⁱⁱ Henri-Jean Martin estuda as consequências desastrosas de diversos casos de falência na crise no mundo da imprensa nos anos 1830. Lista as causas conjunturais – superprodução dos anos 1820-1826 – e causas estruturais – organização do mundo editorial durante a Monarquia constitucional, para interpretar a crise que deveria levar a uma tomada de consciência do problema do mercado francês.

^{iv} Nesta obra, escrita em colaboração com Charles Nodier, a ilustração foi concebida juntamente com o texto (KAENEL, 2005, p.19).

^v As análises de Maurice Crubellier no artigo “L’élargissement du public” nos esclarecem sobre a passagem de uma alfabetização generalizada à leitura: há uma polissemia da expressão “savoir lire” que permite medir a distância entre o aprendizado escolar e a familiaridade com os livros, dividindo os públicos socialmente em função da sua “arte da leitura”, de acordo com a expressão de Legouvé.

^{vi} Hetzel se associa ao cofundador do jornal republicano *Le National* e a um outro livreiro, J.-J. Dubochet, e instala uma editora no bairro de Saint-Germain, em Paris. Os três livreiros dispunham de independência nas suas atividades editoriais (serviço de produção com contabilidades distintas), sendo somente associados pela livraria (serviço de difusão e distribuição). A sociedade Hetzel-Paulin termina em 1843.

^{vii} As traduções do presente artigo são de nossa autoria.

^{viii} Figura que surge do crescimento da burguesia no século XVII francês, o *honnête homme* guarda em si um modelo de humanidade generalista: supõe uma representação unificada do saber. Sintetizado, frequentemente, pela máxima de Montaigne: “Uma cabeça bem-feita vale mais do que uma cabeça cheia”, o *honnête homme* é definido, ainda, por ser dotado de “bom gosto” e ser conhecedor e respeitador das regras de conveniência social.

^{ix} Sobre o período de exílio de Pierre-Jules Hetzel, indicamos a segunda parte da biografia escrita por seus descendentes – “L’exil” In: PARMÉNIE, & BONNIER DE LA CHAPELLE, 1985, p. 161-325.

^x Como ex-secretário de George Sand, Aucante realizou papel de intermediário entre o editor e Sand quando da disputa da venda de sua propriedade literária, em 1855. Cf. PARMÉNIE, & BONNIER DE LA CHAPELLE, 1985, p. 242 e 344.

^{xi} Segundo o artigo “De la valeur des choses dans le temps” de Jean Monange, mantido no site <http://www.histoire-genealogie.com/spip.php?article398&lang=fr> (Acesso em 26/08/2016), 1 F, de 1860, equivaleria, hoje, a 2 €. Portanto, 0,05 F corresponderiam a 0,10 €. Para uma comparação mais precisa, um dicionário de língua francesa autorizado pela Instrução Pública custava 8 Francos; um frasco de analgésico poderia ser comprado por 5 Francos e um avental de cozinha era vendido por 1 Franco, no Magasin Tapis Rouge, em Paris. Extraímos estas informações dos “Classificados” do *Journal des débats*, exemplar de 25 de janeiro de 1860. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k4522306.item.r=journal+des+d%C3%A9bats> Acesso em 26/08/2016. Jean-Yves Mollier retoma a discussão sobre o valor do jornal em MOLLIER, 2013, p. 18.

^{xii} A respeito da patente e da constituição da Société Hetzel et Cie. Cf. PETIT, 2000, p. 197-221. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_2000_num_158_1_451022 Acesso em 26/08/2016. Este artigo sintetiza sua Tese de doutorado: PETIT, Nicolas. *Un éditeur au XIX^e siècle. P.-J. Hetzel et les éditions Hetzel (1837-1914)*. Thèse de l’École de Chartres, 1980.

^{xiii} Agradecemos a Jean-Yves Mollier por ter cedido uma cópia da carta da coleção particular de Cécile Alapetite-Hofer, herdeira dos documentos de Émile Aucante. O documento faz parte, hoje, dos arquivos Calmann-Lévy.

^{xiv} Segundo Philippe Scheinhardt, em artigo sobre a colaboração Hetzel-Lévy, a primeira trama versa sobre os trágicos amores de uma princesa; o segundo título é uma farsa literária ambientada no contexto da Guerra dos Trinta Anos; já a terceiro romance pertence ao gênero que será diversas vezes explorado por Jules Verne: a narrativa de viagem etnográfica baseada em relato real previamente publicado na revista *Le Tour du monde*, de Édouard Charton. Cf. SCHEINHARDT, In: COMPÈRE & SOUBRET, 2014, p. 66.

^{xv} Em *Les Bons Romans*, nº 343 ao nº 357 de 21 de julho a 8 de setembro de 1863; e nº 358 ao nº 365 de 11 de setembro a 6 de outubro de 1863, respectivamente.

^{xvi} Compreende-se *habitus* como sendo um senso prático, um sistema adquirido de preferências, de classificações, de percepção que norteia as ações e a visão de mundo dos agentes sociais. Cf. BOURDIEU, 1996, p. 44.

^{xvii} BNF, Dépt. de manuscrits, archives Hetzel, dossier “Correspondance Macé-Hetzel”, I, NAF 16073, P117.

^{xviii} O jornal é lançado em 1832 por Saint-Charles Lautour Mézeray. Trata-se, neste magazine, da fórmula do romance folhetim de *Illusions maternelles* de Louis Desnoyers, primeira versão de *Les Aventures de Jean-Paul Choppart*. Este é considerado o primeiro romance folhetim infantil (Cf.: MARCOIN, 2002, p. 431-443. Disponível em: www.cairn.info/revue-de-litterature-comparee-2002-4-page-431.htm. Acesso em 26/08/2016.